

FACULDADE INTEGRADA CETE – FIC

CURSO DE FARMÁCIA

QUESTIONÁRIO

CLAUDIA DA SILVA RAMOS MUNIZ

RAFAELA FERREIRA LOPES

**AUTOMEDICAÇÃO EM ESTUDANTES DE SAÚDE:UM PERIGO DA
INFORMAÇÃO**

GARANHUNS

2023

CLAUDIA DA SILVA RAMOS MUNIZ

RAFAELA FERREIRA LOPES

**AUTOMEDICAÇÃO EM ESTUDANTES DE SAÚDE:UM PERIGO DA
INFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão do Curso,
apresentado para obtenção do título de
bacharel no Curso de Farmácia da
Faculdade Integrada CETE - FIC.

Orientador: Prof. Esp. José Ferreira de
Sousa Netto.

GARANHUNS


2023

AUTOMEDICAÇÃO EM ESTUDANTES DE SAÚDE:UM PERIGO DA INFORMAÇÃO

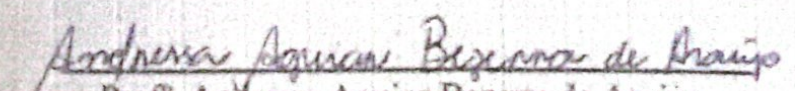
Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do título de bacharel, no Curso de Farmácia da Faculdade Integrada CETE – FIC, com Linha de Pesquisa em revisão narrativa de literatura.

Garanhuns, 13 de dezembro de 2023.

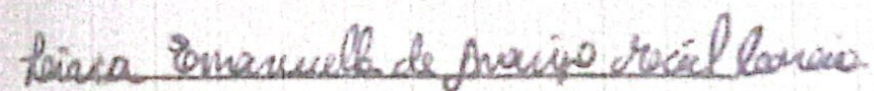
BANCA EXAMINADORA



Prof. José Ferreira Netto-Especialista-Faculdade Integrada Cete-FIC
Orientador



Prof.ª Andressa Aguiar Bezerra de Araújo-
Especialista-Faculdade Integrada Cete-FIC



Prof.ª Livia Emanuella de Araújo Maciel
Correia-Especialista-Faculdade Integrada Cete-
FIC

Dedicamos este artigo aos nossos pais, Maria José, Evânia e Edvaldo, que acreditaram mais na gente do que nós mesmas.

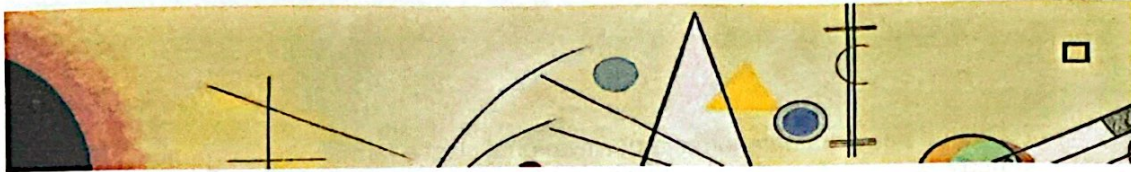
AGRADECIMENTOS

Queremos agradecer primeiramente à Deus ,que até aqui nos sustentou e foi nosso alicerce durante toda a graduação.

Ao professor José Netto, nosso orientador, por seu acolhimento e partilha de conhecimentos apostando assim em nosso trabalho, sem sua ajuda não teríamos chegado até aqui, a ele nossos profundos agradecimentos.

Aos nossos familiares, que nos deram todo apoio e paciência durante esse ciclo e que sempre acreditaram nesse sonho; duas amigas que fizeram a matrícula juntas e tornaram realidade o que o Senhor havia colocado em seus corações.

Também aos amigos, que nos deram apoio e suporte e estiveram sempre na torcida para este dia chegar. Gratidão.



Contemporânea
Contemporary Journal
3(12): 26594-26608, 2023
ISSN: 2447-0961

Artigo

AUTOMEDICAÇÃO EM ESTUDANTES DE SAÚDE: UM PERIGO DA INFORMAÇÃO

SELF-MEDICATION IN HEALTHSTUDENTS: AN INFORMATION HAZARD

DOI: 10.56083/RCV3N12-096

Recebimento do original: 03/11/2023

Aceitação para publicação: 08/12/2023

Rafaela Ferreira Lopes

Graduanda em Farmácia

Instituição: Faculdade Integrada CETE

Endereço: Rodovia BR 423, São José, Garanhuns – PE, CEP: 55295-130

E-mail: rafaloppes489@gmail.com

Claudia da Silva Ramos Muniz

Graduanda em Farmácia

Instituição: Faculdade Integrada CETE

Endereço: Rodovia BR 423, São José, Garanhuns – PE, CEP: 55295-130

E-mail: claudia2450@hotmail.com

José Ferreira de Sousa Netto

Especialista em Farmácia Clínica

Instituição: Faculdade Integrada CETE

Endereço: Rodovia BR 423, São José, Garanhuns – PE, CEP: 55295-130

E-mail: ferreira.netto@hotmail.com

RESUMO: Objetivo: Demonstrar a prática da automedicação nos estudantes de saúde, correlacionando o conhecimento adquirido ao longo do curso e as condutas farmacológicas escolhidas. Revisão bibliográfica: O surgimento de medicamentos desde a antiguidade possibilitou no auxílio, na prevenção e cura de inúmeras comorbidades, porém atrelado a este fato veio o uso irracional de medicamentos, que é um fator também predominante entre estudantes de saúde. Uma das justificativas para este comportamento se deve ao fato dos mesmos possuírem conhecimento técnico e científico; além do que o ambiente universitário é um solo fértil para proliferação de

26594



transtornos tanto físicos como psicológicos. Considerações finais: A automedicação entre estudantes de saúde é uma prática corriqueira, tendo em vista que tal prática está atrelada ao conhecimento adquirido durante a graduação e que tal conduta poderá trazer problemas à saúde a curto, médio e longo prazo.

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação, Estudantes, Riscos à Saúde Humana, Saúde, Universidades.

ABSTRACT: Objective: To demonstrate the self-medication in health field students, correlating the knowledge acquired throughout the course and the pharmacological procedures chosen. Literature review: The emergence of medicines since antiquity has made it possible to help, prevent and cure numerous comorbidities, but linked to this fact has come the irrational use of medicines, which is also a predominant factor among health students. One of the justifications for this behavior is due to the fact that they have technical knowledge; Furthermore, the university environment is a fertile ground for the proliferation of both physical and psychological disorders. Final considerations: Self-medication among health students is a common practice, considering that this practice is linked to the knowledge acquired during graduation and that such conduct could cause health problems in the short, medium and long term.

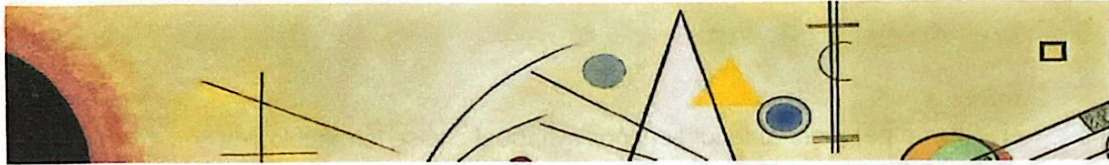
KEYWORDS: Self-Medication, Students, Risks to Human Health, Universities.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1. Introdução

O surgimento de medicamentos desde a antiguidade possibilitou o auxílio no diagnóstico, na prevenção, na cura e no alívio de muitas comorbidades. No entanto, o seu uso irracional é considerado um problema de saúde pública que atinge a população mundial, sendo um ato praticado também pelos estudantes da saúde (OLIVEIRA, et al., 2019).

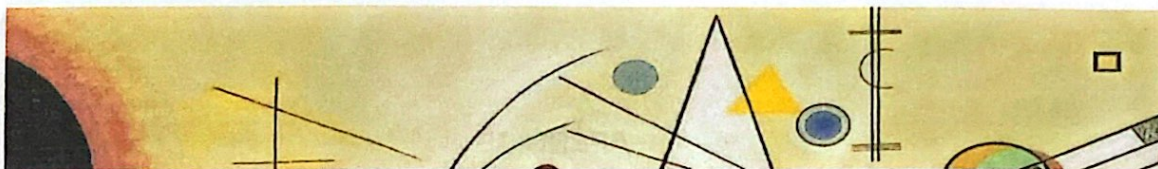


A automedicação se define como o ato de utilizar medicamentos por iniciativa própria ou por indicação de uma pessoa não habilitada legalmente. Essa prática é notória entre estudantes da saúde, e parece estar atrelada ao fato dos acadêmicos adquirirem ao longo da graduação conhecimento técnico e científico a respeito de patologia, semiologia, farmacologia, entre outras, produzindo nos acadêmicos o sentimento de estar apto para solucionar os problemas de saúde que os acometem (CÂNDIDO, et al.,2021).

Vale salientar que o ambiente de Ensino Superior tem se tornado solo fértil para a proliferação de transtornos mentais, tais como ansiedade, depressão e abuso de substâncias psicoativas. As matrizes curriculares extensas, as pressões psicológicas e físicas que os estudantes encaram durante a graduação têm sido observadas como um fator importante para o uso irracional de medicamentos, principalmente entre acadêmicos da saúde. A busca da cura mais rápida, atrelada ao fato de os serviços de saúde não estarem sempre disponíveis ou de fácil acesso, como também a influência da mídia em propagandas da indústria farmacêutica, reforçam ainda mais a prática da automedicação (OLIVEIRA, et al.,2018).

No Brasil pesquisas apontam para a prática do uso irracional de medicamentos no ambiente acadêmico. Um estudo comparativo a respeito da automedicação entre estudantes de Ensino Superior, a maioria dos entrevistados relataram utilizar medicamentos por conta própria, sendo observado uma maior prevalência do uso de analgésicos que são inibidores da síntese das prostaglandinas no Sistema Nervoso Central (SNC). Outro dado, ainda observado no mesmo estudo, demonstra o perfil do ato de utilizar medicamentos por conta própria, apontando o sexo feminino como o mais prevalente (MORAES,et al.,2018;JUNIOR e JÚNIOR,2021; SOUZA, et al.,2020).

Sendo assim, o presente artigo trata-se de uma revisão narrativa, com o objetivo de demonstrar a prática da automedicação entre os estudantes de



saúde, correlacionando o conhecimento adquirido ao longo do curso e as condutas farmacológicas escolhidas.

2. Metodologia

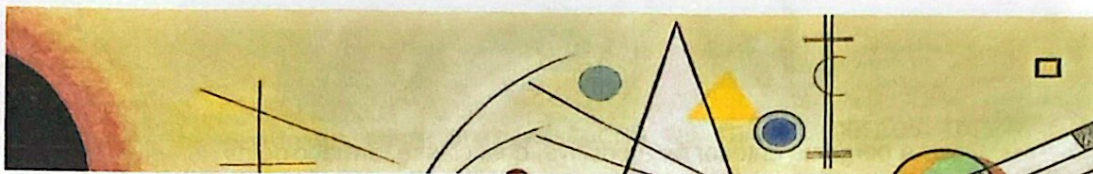
Trata-se de uma revisão narrativa da literatura sobre automedicação em estudantes de saúde, no qual foram consultadas as bases de dados PubMed, Scielo, Google Acadêmico e Lilacs, aplicando os descritores "Automedicação" AND "Estudantes" AND "Riscos à saúde humana" AND "Saúde" AND "Universidades", e seus correspondentes em inglês, identificados no portal de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Ao final da análise foram selecionados 37 artigos, no qual 21 preencheram os parâmetros de seleção estabelecidos.

Foram incluídos artigos originais publicados nos últimos dez anos, de livre acesso, disponíveis gratuitamente na íntegra e nos idiomas inglês e português. Os artigos foram classificados de acordo com o desenho do estudo e o nível de evidência, após a identificação daqueles com duplicidade. Foram excluídos os artigos que não responderam à pergunta norteadora ("Os estudantes de saúde se automedicam a partir do conhecimento que adquirem na graduação?"), além de teses, dissertações, trabalhos incompletos e os publicados fora do período de 2018-2023.

3. Revisão Bibliográfica

Uso Racional de Medicamentos

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o uso racional de medicamentos refere-se à utilização apropriada e adequada dos medicamentos, de acordo com as necessidades de saúde dos indivíduos e



populações. Isso implica na seleção dos medicamentos apropriados, prescritos por profissionais de saúde qualificados, na administração correta e segura desses medicamentos, na adesão do paciente ao tratamento e na monitorização dos resultados terapêuticos. Todavia, o uso irracional de medicamentos é de longa data incentivado principalmente pelos meios de comunicação, em propagandas que vinculam esses produtos farmacêuticos, principalmente aqueles que não necessitam de um receituário para sua aquisição, ao bem-estar e a qualidade de vida (WHO, 1998; BRASIL, 2015).

A importância acerca do uso racional de medicamentos no Brasil está expressamente contemplada na Política Nacional de Medicamentos (PNM), aprovada pela Portaria 3.916 de 1998, que a define como:

"É o processo que compreende a prescrição apropriada; a disponibilidade oportuna e a preços acessíveis; a dispensação em condições adequadas; e o consumo nas doses indicadas, nos intervalos definidos e no período de tempo indicado de medicamentos eficazes, seguros e de qualidade (BRASIL, 1998)."

O Ministério da Saúde, no ano de 2015, atento ao uso inadequado de medicamentos no Brasil, confeccionou uma "Cartilha para a promoção do uso racional de medicamentos", de distribuição nacional, expondo importantes aspectos para o uso de fármacos sem receituário médico. O documento também enfatiza a preocupação do uso de medicamentos sem a orientação adequada de um profissional habilitado, apontando inclusive quais os profissionais estão mais aptos no manejo da terapia medicamentosa e nos cuidados quanto ao armazenamento e descarte correto de medicamentos (BRASIL, 2015).

Vale salientar que a automedicação é uma prática corriqueira no Brasil, na qual se utilizam medicamentos por conta própria ou por indicação de pessoas não habilitadas para o tratamento de doenças, cujos sintomas são percebidos pelo usuário, porém sem a avaliação de um profissional de saúde.



Na tentativa de prevenir essa prática, todos os medicamentos tarjados devem ser adquiridos mediante apresentação de receita, pois o uso inadequado pode causar danos à saúde. Alguns ainda têm a retenção obrigatória da receita nas farmácias e nas drogarias, pois podem causar dependência física e/ou psíquica ou são antibióticos (BRASIL, 2015; ROCHA, 2014).

No ano de 2017, o Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológicas (SINITOX) apresentou dados de intoxicação humana por agente tóxico e sexo, o que destacou a problemática do uso irracional de medicamentos, visto que dos casos notificados 27,11% foram causadas por medicamentos e com maior prevalência entre o sexo feminino (BRASIL,2017).

Automedicação

A automedicação refere-se ao uso de medicamentos sem a orientação de um profissional de saúde. Este comportamento pode ser motivado por diversos fatores, como a facilidade de acesso aos medicamentos, a falta de tempo para uma consulta médica, a crença de que o medicamento pode resolver qualquer patologia, entre outros (ARRAIS,et al., 2016). Galato et al.(2012) ainda defende que a prática pode estar atrelada ao autocuidado, ou seja, na prevenção de doenças, cura de sintomas indesejáveis e manutenção da saúde.

Entretanto, Miranda e Vieira (2022) destacam que a automedicação é principalmente encorajada quando há melhoria dos sintomas apresentados pelo paciente. Uma vez que a resolução de um suposto diagnóstico, pautado nas expectativas dos resultados positivos de outros indivíduos, que se beneficiaram com a terapia medicamentosa, desenvolve no paciente um sentimento de segurança e autoconfiança.

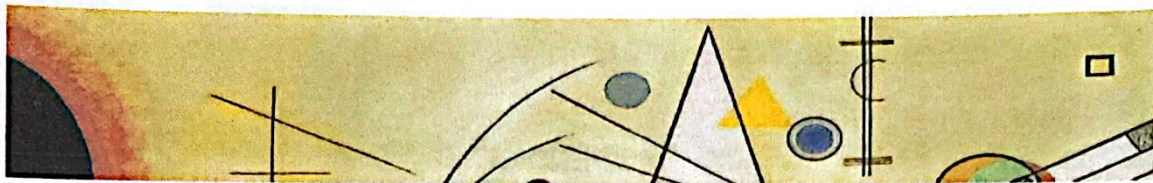


Galvan et al. (2016) tornou evidente a influência das propagandas de medicamentos na prática da automedicação; uma vez que são apresentadas geralmente em canais abertos de televisão e ao término surge a frase "ao persistirem os sintomas o médico deverá ser consultado", norma esta indicada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), mas que pode inclusive corroborar ainda mais para o uso de medicamentos sem assistência e chegando somente a ser feita, caso e somente se os sintomas não forem resolvidos.

Em um estudo realizado por Arrais et al.(2016), contando com quarenta e um mil e quatrocentos e trinta e três entrevistados, a partir dos dados da Pesquisa Nacional de Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos (PNAUM), entre setembro de 2013 a fevereiro de 2014, com exclusão de seiscentos entrevistados por não apresentarem informações completas, evidenciou-se um percentual de automedicação na população brasileira de 16,1%. A maioria dos indivíduos pertenciam ao sexo feminino, com faixa etária dos vinte aos trinta e nove anos, declarantes indígenas e amarelo, com faixa de escolaridade maior ou igual a doze anos, com preponderância nas regiões Nordeste e Centro-Oeste. Os grupos farmacológicos mais utilizados entre os entrevistados foram os analgésicos, relaxantes musculares, anti-inflamatórios e antirreumáticos.

Os medicamentos de uso comum no Brasil são para o alívio de dores de cabeça e estomacais, síndromes gripais, para o tratamento da ansiedade, insônia entre outros. Porém, esses medicamentos não são isentos de riscos constantes à saúde, mesmo quando alguns são classificados como de venda livre, ou seja, isentos de prescrição médica (PEREIRA, et al., 2022)

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) define os Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs) com base em regulamentações específicas. Os MIPs são medicamentos que podem ser vendidos sem a necessidade de prescrição médica, levando em consideração critérios como,



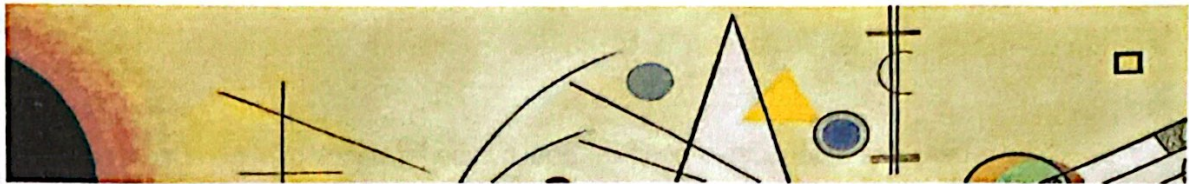
por exemplo, segurança, eficácia e baixo potencial de risco em uso sem supervisão médica. Vale ressaltar que o Brasil está entre os 10 países que mais consomem MIPs em todo o Mundo, isso inclusive coloca o país em uma situação alarmante quanto à segurança no uso de medicamentos (ANVISA, 2016; MOURA, 2022).

Entretanto, apesar de serem considerados seguros, os MIPs podem apresentar riscos, assim como qualquer medicamento, mesmo sendo utilizado de acordo com as instruções, seu uso excessivo ou inadequado poderá causar reações adversas, tais como irritação gastrointestinal, alergias, interações com outros medicamentos, inefetividade terapêutica, entre outros (SANTOS, et al., 2022).

Em idosos o uso de tais medicamentos exige ainda maior cautela, já que é um público adepto principalmente aos anti-inflamatórios não esteroidais, e estes podem ocasionar elevado risco de toxicidade gastrointestinal, insuficiência renal, eventos cardiovasculares e interações com outros medicamentos em uso (ELY, et al., 2015).

3.3. Estudantes Universitários e a Prática da Automedicação

Durante a graduação universitária a prática da automedicação pode ser impulsionada, pois conforme as perspectivas de Souza et al. (2021) esse período torna-se bem peculiar, pois durante a sua temporada de adaptação na faculdade os estudantes enfrentam a transição da fase da adolescência para as responsabilidades da vida adulta. Com isso, surgem também os conflitos psicológicos advindos das dificuldades de aprendizagem e das cobranças acadêmicas. Em alguns casos, outros fatores como as tentativas de conciliar estudo e trabalho podem contribuir para o surgimento de transtornos psicológicos e estresse.

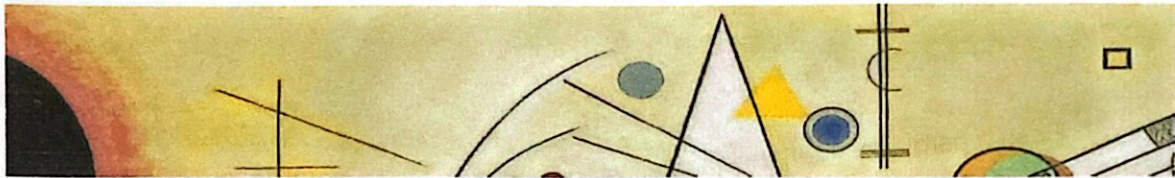


No Brasil, o uso de antidepressivos em acadêmicos de diversos cursos universitários vem se destacando, especialmente nos acadêmicos da área de saúde, inclusive por meio de automedicação. Sendo assim, um estudo conseguiu traçar um perfil de automedicação nos acadêmicos de medicina, uma vez que essa prática se torna frequente nos períodos de avaliações, na tentativa de aliviar conflitos psicológicos oriundos das cobranças acadêmicas (SOUZA, et al., 2021; MORAES, et al., 2018; GALATO, et al. 2012).

Contudo, no país há mais de dez anos várias pesquisas são desenvolvidas no intuito de investigar a prática da automedicação entre estudantes da saúde. Os discentes dos cursos de enfermagem e medicina são as populações mais bem investigadas a respeito do uso de medicamentos por conta própria. Ainda é importante evidenciar que nos dois cursos existem percentuais altos de tal prática e que os dados são estatisticamente semelhantes, uma vez que 76% dos estudantes de enfermagem declararam se automedicar em comparação aos 90% dos acadêmicos de medicina que também assumiram tal prática. Os estudos também apontam que quanto maior o nível de conhecimento, que corresponde aos avanços cronológicos dos estudantes nos cursos, maior é a tendência em utilizar medicamentos por conta própria (GAMA e SECOLI 2017; PILGER, et al. 2016).

Na busca de identificar a prática da automedicação entre acadêmicos de saúde, Cândido et al. (2021) realizou um estudo transversal com 325 alunos de cursos da área de saúde, no qual foram entrevistados estudantes dos cursos de enfermagem, fisioterapia, farmácia, educação física, nutrição, odontologia e psicologia em uma faculdade do sertão Pernambucano. O trabalho evidenciou que 71,1% dos participantes da pesquisa alegaram utilizar medicamentos sem prescrição de um profissional de saúde. Logo, demonstrando que essa prática é global entre estudantes da saúde.

É importante salientar que estudos realizados no Brasil contribuem para uma análise importante no que diz respeito ao conhecimento adquirido

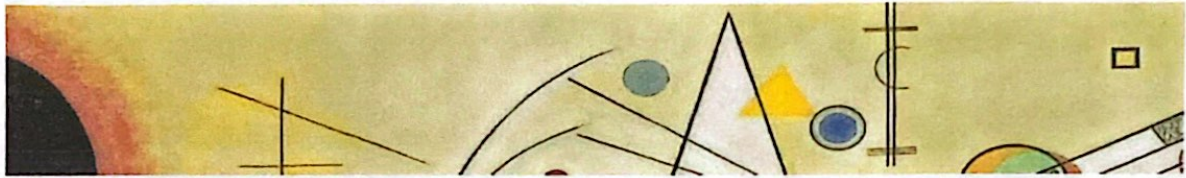


na graduação e uma maior tendência ao manejo farmacológico por conta própria. Um estudo transversal com discentes do primeiro ao décimo período do curso de farmácia identificou que 82,40% dos discentes nos últimos semestres se automedicam. Outro estudo semelhante, porém realizado com estudantes de psicologia também constatou um alto percentual (85,4%) de praticantes da automedicação (JUNIOR e JÚNIOR 2021; SOUZA, et al. 2020).

Entre os estudantes na área de saúde a prática da automedicação é consolidada pelos conhecimentos advindos de farmacologia, terapêutica e patologia, por exemplo, que reforçam as condutas adotadas. Esse comportamento inadequado entre os estudantes universitários os coloca em risco de iatrogenia, dependência e hipersensibilidade. Uma pesquisa realizada com estudantes de enfermagem, do primeiro ao quarto ano de graduação, concluiu que 73,8% dos universitários justificaram que o que mais encorajava os mesmos a praticar a automedicação era o próprio conhecimento (BOHOMOL e ANDRADE, 2020; GALATO, et al., 2011; MORAES, et al., 2018).

Diante dessa perspectiva é importante destacar e defender o uso adequado de fármacos, independentemente do nível de conhecimento na área, pois sabe-se que o surgimento de efeitos adversos e reações alérgicas estão relacionados a quantidade de fármacos administrados, além do aumento potencial de mortalidade com o uso excessivo. Ainda, é preciso considerar também as características particulares de cada indivíduo, como os hábitos de vida e fatores genéticos, que influenciam direta ou indiretamente na resposta metabólica dos medicamentos (MORAES, 2018).

Contudo, vale salientar que no que se refere às classes de fármacos mais utilizadas entre os estudantes na prática da automedicação, uma pesquisa somente com graduandos de enfermagem, apontou os analgésicos não-opioides e anti-inflamatórios não esteroidais. Os dados se assemelham com os achados em uma pesquisa realizada com acadêmicos de medicina,

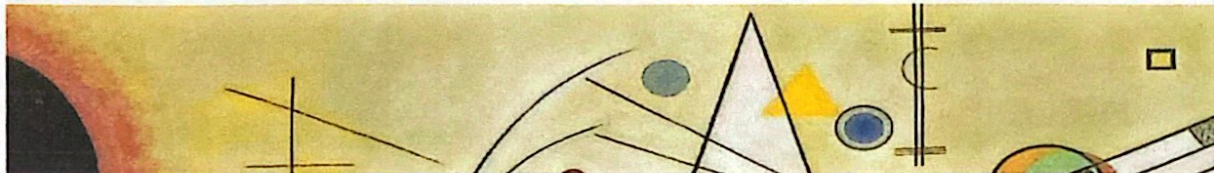


no qual estas mesmas classes de medicamentos foram destaque. Um terceiro estudo, também realizado apenas com estudantes de enfermagem, notou-se uma pequena divergência, uma vez que identificaram que os referidos estudantes utilizaram mais os anti-inflamatórios não-esteroidais e antibióticos por conta própria (SANTOS, et al., 2012; MORAES, et al., 2018; GAMA e SECOLI, 2017).

Um estudo com estudantes de saúde também defendeu como sendo um facilitador para a prática do uso de medicamentos sem auxílio e acompanhamento de um profissional habilitado, o fato do fácil acesso aos medicamentos, principalmente no período de estágios extracurriculares, tanto em unidades básicas de saúde como hospitais (GAMA e SECOLI, 2017).

4. Considerações Finais

O consumo de medicamentos entre os estudantes de saúde é uma prática corriqueira, tendo em vista que após anos de conhecimento adquirido na graduação ele se sente seguro em utilizar fármacos, principalmente quando em patologias que inicialmente se demonstram de fácil solução. Tendo em vista esta realidade, as universidades devem desde o princípio incentivar e proporcionar em seus universitários a conscientização e defesa da prática do uso racional de medicamentos, já que no futuro serão profissionais que deverão enfatizar a importância de seguir as prescrições de profissionais habilitados para esse ato, combatendo e evitando assim a automedicação. Dessa forma, poderão se tornar profissionais de saúde éticos e responsáveis, que valorizam a saúde e o bem-estar de seus pacientes acima de tudo.



Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria 3.916, de 30 de outubro de 1988: Política Nacional de Medicamentos e outros provimentos.** Brasília. Ministério da Saúde. 1998. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1998/prt3916_30_10_1998.html>. Acesso em 8 dez. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The role of the pharmacist in self-care and self-medication. Report of the 4th Who Consultive Group on the role.** Disponível em: The Role of the pharmacist in self-care and self-medication : report of the 4th WHO Consultative Group on the Role of the Pharmacist, The Hague, The Netherlands, 26-28 August 1998 | Geneva; World Health Organization; 1998. (WHO/DAP/98.13). | WHOLIS (bvsalud.org). Acesso em: 01 nov. 2023.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução nº 98, de 1º de agosto de 2016.** Critérios e procedimentos para o enquadramento de medicamentos como isentos de prescrição e o reenquadramento como medicamento sob prescrição. Disponível em: <<https://dcb09ea1-e222-4192-98c5-54a13426dc4a> (anvisa.gov.br). Acesso em: 30 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cartilha para a promoção do uso racional de medicamentos.** Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <<https://saude.gov.br>> Cartilha para a promoção do uso racional de medicamentos (saude.gov.br). Acesso em: 15 de ago. 2022.

ANVISA, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Monitoramento: ANVISA divulga dados sobre eventos adversos.** [online] Publicado em 07/04/2022. Disponível em <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2022/monitoramento-anvisa-divulga-dados-sobre-eventos-adversos>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Rev. Saúde Pública.** São Paulo, 50(supl2): 13s, 2016. Disponível em: <https://rsp.fsp.usp.br/artigo/prevalencia-da-automedicacao-no-brasil-e-fatores-associados/>. Acesso em: 03 out. 2023.

BOHOMOL, Elena; ANDRADRE, Camila Moreira. Prática da automedicação entre estudantes de enfermagem de instituição de ensino superior. **Cienc Cuide Saude.** 19:e48001, 2020. Disponível em:

26605



<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1117924>. Acesso em:10 set.2023.

CÂNDIDO,Gustavo da Silva et al. Uso de estimulantes do sistema nervoso central por estudantes de saúde do sertão de Pernambuco. **Revista Enfermagem atual in derme**, v.95, n.36, 2021.Disponível em: <https://doi.org/10.31011/reaid-2021-v.95-n.36-art.1101>.Acesso em:05 out.2022.

ELY,Luís Scheer et al. Uso de anti-inflamatórios e analgésicos por uma população de idosos atendida na Estratégia Saúde da Família. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, 18, 475-485,2015.Disponível em:<https://www.scielo.br/j/rbgg/a/ZNxfmZjW9gxrMbzGrhhXphJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em:13 out.2023.

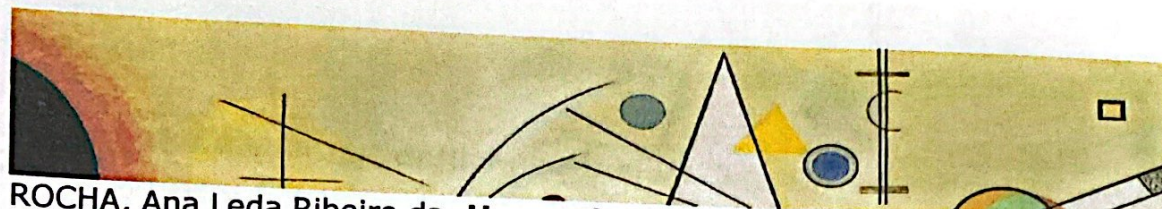
GALATO, Dayani et al. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 12, p. 3323-30, 2012. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/csc/a/7p3f8gryCcgcvRmcCV8fpH/?lang=pt>>. Acesso em 21 nov. 2022.

GALVAN, Micheli Rita et al. Automedicação entre profissionais da saúde. **REME – Rev Min. Enferm**;20:e-959.ilus,tab.2016.Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-835286>.Acesso em:01 out. 2023.

GAMA,Abel Santiago Muri;SECOLI Sílvia Regina.Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas-Brasil.**Rev. Gaúcha de Enfermagem**.38(1):e65111,mar.2017.Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/HQm9Gznw68wWrB7wtWR4FMQ/>.Acesso em:02 set.2022.

JUNIOR,José Natal Leandro da Silva; JÚNIOR, Walter Lins Barbosa.Influência da mídia no uso irracional de medicamentos entre os discentes do curso de farmácia de uma instituição de ensino superior.**Revista Cereus**.v.13,n.3,p.196-206. Publicação em 11 out. 2021.Disponível em:<http://www.ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/3542>.Acesso em: 10 out.2022.

MIRANDA, Laura da Conceição Pacheco Miranda. **Risco da automedicação: informação em prol da mudança de hábito**. Artigo. S.D. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas->



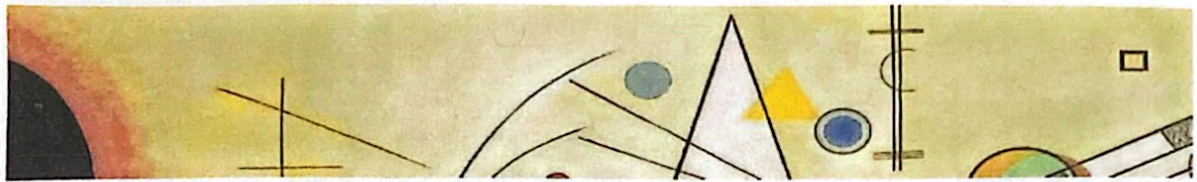
ROCHA, Ana Leda Ribeiro da. **Uso racional de medicamentos**. TCC de Pós Graduação em Tecnologias Industriais Farmacêuticas. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz/ Instituto de Tecnologias em Fármacos, Rio de Janeiro, 2014;49p. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/11634>. Acesso em: 31 nov. 2022.

SANTOS, Benedito dos et al. Incidência da automedicação em graduandos de Enfermagem. **Revista J. Health Sci. Inst**, v.2, n.24, p.6-17, 2012. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-655210>. Acesso em: 07 set. 2022.

SANTOS, Shariene Tainara da Silva et al. Os riscos da automedicação com medicamentos isentos de prescrição (MIPs) no Brasil. **Research, Society and Development**, v.11, n.7, e42211730493, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/30493>. Acesso em: 31 out. 2023.

SOUZA, Josinaldo Furtado de et. al. Prevalência da prática de automedicação entre estudantes de psicologia: um estudo transversal. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 98105-98116, 2020. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/21605>. Acesso em 07 out. 2022.

SOUZA, Mickaelly Stefanie Paes et al. Uso de antidepressivos e ansiolíticos entre estudantes do curso de farmácia em uma instituição privada e uma pública do interior da Bahia. Artigo. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p.e29610817177, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17177>. Acesso em 21 nov. 2022.



izabela/index.php/aic/article/download/493/428.>. Acesso em 21 nov. 2022.

MORAES, Lucas Grobério Moulim de et al. Automedicação em acadêmicos de Medicina. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, São Paulo, 6(3): 167-170 jul.-set. 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1047947> Acesso em:06 out.2022.

MOURA, Elionora Félix. **Automedicação: os riscos que essa prática causa a saúde e a importância do farmacêutico na atenção farmacêutica**. TCC Curso de Farmácia. Departamento de Farmácia, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

OLIVEIRA, Aline Borges de et al. Avaliação do conhecimento e conduta dos acadêmicos da área da saúde sobre o uso de medicamentos. **Revista Multitemas**, v.24, n.57, p.27-58, maio/ago.2019. Disponível em: <https://www.multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/2065>. Acesso em07 out. 2022.

OLIVEIRA, Maria Marli de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

OLIVEIRA Maristela Maximovitz et al. Automedicação em acadêmicos: uma revisão de literatura brasileira entre 2000 a 2017. **Revista Saúde e Pesquisa**, Maringá(PR), v.11, n.3, p.623-630, set/dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17765/1983-1870.2018v11n3>, p. 623-630. Acesso em 05 out.2022.

PEREIRA, Januario Ramos et al. **Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento**. Artigo. Universidade da Região de Joinville-UNIVILLE, Joinville s.d, 2022. Disponível em <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/premio_medica/pdfs/trabalhos/mencoes/januarina_ramos_trabalho_completo.pdf>. Acesso em 21 nov. 2022.

PILGER, Maurício Castro, et al. Automedicação entre acadêmicos de Medicina das Universidades Católica e Federal de Pelotas/RS. **Revista da AMRIGS**, 60(1):26-31. jan.-marc. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.amrigs.org.br/assets/images/upload/pdf/jornal/1654023167.pdf#page=28>. Acesso em:17 out.2023.

26607